

O beijo do íncubo

Naquela noite quente de julho, a rapariga de catorze anos debateu-se com um estranho pesadelo, num limbo entre o acordado e o adormecido. Na semiobscuridade do quarto, vislumbrou, sentado sobre o ventre e as coxas, um demónio. Seria mais pequeno do que um anão. A pele, negra e luzidia, lembrava a de uma barata, dessas que o pai esmagava com o sapato, nos degraus para a cave. Os olhos, húmidos e despojados de qualquer humanidade, evocavam os do tubarão que vira numa visita de estudo ao oceanário, quando era criança. Experimentou um pânico gelado, superior a qualquer um que tivesse vivido.

A jovem tentou desesperadamente agitar-se, de um lado para o outro, mas não conseguia mover um único dedo. Quis gritar pela mãe; contudo, por mais que se esforçasse, som algum lhe brotava da garganta. Custava-lhe tanto a respirar que, por um instante, receou morrer asfixiada. Sentia-se uma marioneta a quem tivessem tesourado os fios.

A criatura poisou com violência as patas nos ombros da rapariga. Debruçou-se sobre os seios dela e inalou o cheiro. Sentia um resto de perfume a lavanda, com um travo de transpiração adocicada, e o odor acre do medo. O demónio lançou a cabeça para trás, excitado. Deitou a língua de fora e lambeu o pescoço da jovem, deixando um rasto gélido. Ela reuniu todas as forças e conseguiu estrebuchar um pouco, enojada. Contudo, não lograva libertar-se daquele bizarro ser.

Em seguida, o demónio encostou a cabeça à face da adolescente. Mordiscou-lhe o lóbulo, apreciando a brancura tenra. Ela sentiu uma dor igual à de furar as orelhas para pôr brincos. Um gemido ficou-lhe preso na garganta. A língua bifurcada daquele ser percorria cada curva da concha do ouvido, num ruído ensurdecedor, como a maré em dia de equinócio. Não parou até a baba, amarela, escorrer pelo pescoço da jovem.

A criatura abriu os lábios. Um hálito a peixe podre atingiu a rapariga. Quando esta tentou gritar, o demónio aproveitou a oportunidade e inseriu a língua, com um golpe rápido, na boca dela. Queimava tanto como um chá

a ferver que alguém, imprudentemente, bebesse, sem sondar a temperatura. A língua rodopiou dentro dela, sôfrega, deixando um sabor escaldante. Quando ele se saciou, a jovem teve de conter o vômito. Sabia que, se regurgitasse, asfixiaria. Paralisada, chorou em silêncio.

Nas férias do verão anterior, praticara alpinismo com um grupo de adolescentes, orientados por um instrutor de vinte e poucos anos, invulgarmente destro e com experiência na área. Numa manhã de julho, conquistavam uma escarpa pedregosa, com as cautelas timoratas de principiantes, mas também a natural curiosidade. As condições para a prática daquele desporto eram perfeitas: pouco calor, apenas a brisa afastando os insetos e visibilidade máxima. Sob eles, estendia-se um vale verdejante, retalhos de campos de cultivo orlados pelo bosque escuro.

De súbito, um pitão soltou-se da fachada, com um estalido metálico. A adolescente soltou um grito que ecoou pelo vale. Mergulhou cinco metros no abismo, arranhou o cotovelo e os joelhos na vegetação que cobria a encosta. Encontrava-se presa apenas pela corda de segurança ao arnês. Baloiçava, agora, perigosamente, no vazio, como um pêndulo. Tombou sobre o grupo um silêncio de expectativa.

O monitor procurou disfarçar a aflição com uma voz falsamente tranquila:

«Estás bem?»

«Magoei-me num braço e nas pernas.»

«Partiste alguma coisa?»

A rapariga contemplou o cotovelo esfolado, mas não se atreveu a espreitar os joelhos, pois isso implicaria ver o abismo.

«Acho que não!»

«Muito bem. Vou dar-te trinta segundos para sentires todo o medo do mundo.»

«O quê?»

«Ouviste bem. Imagina-te a cair. Depois, vais fazer exatamente o que te disser.»

A rapariga e os restantes alpinistas estranharam esta ordem inusitada. No entanto, ela obedeceu. Imaginou a corda de segurança a roçar numa pedra, a esfriar-se, a quebrar. Em seguida, o seu corpo a tombar no vazio, observado em plano picado por uma ave, a ferir-se nas rochas, até se transformar num ponto e, por fim, numa nuvem de poeira. Sentiu o pânico percorrer cada fibra de si, a transpiração gelada na testa, as mãos inchadas como balões.

Exatamente meio minuto depois, o monitor despertou-a da letargia:

«Basta! Já deste uma oportunidade ao medo. Agora, é a altura de agires. Mantém-te agarrada à corda de segurança e não te mexas, para não baloiçares mais, certo?»

«Certo!»

«Vou puxar-te o mais devagar que conseguir. Quando estiveres perto da parede, usa os pés de gato.»

A rapariga tinha a garganta seca como cortiça. Sentiu-se elevar, paulatinamente, com puxões firmes. Procurou controlar a respiração. Por fim, atingiu o cimo da escarpa. Abraçou o monitor, aliviada, e o grupo aplaudiu-a. Salvava-se.

Quando todos atingiram o cume, ainda sob o efeito da adrenalina, o monitor não desperdiçou a oportunidade. Pediu-lhes que se sentassem na relva, em semicírculo, e transmitiu-lhes esta lição:

«É fácil perder a calma, numa situação como esta. Mas o maior inimigo de um alpinista é o *pânico*. Deem a vocês próprio a oportunidade de o sentir, durante uns segundos. Depois, parem! Ganhem coragem. Porque quem controlar o medo terá uma hipótese de sobreviver, mesmo que seja mais pequena do que uma unha negra.»

Naquele momento, tão longe do abismo, na semiobscuridade, a jovem recordou as palavras do instrutor de escalada. Já dera uma chance ao medo. Agora, havia que pôr o instinto de sobrevivência a funcionar. Porque o corpo parecia irremediavelmente encarcerado, foi a sua imaginação que se libertou. Respirou fundo, a custo, fixou o olhar no teto, procurando abstrair-se. Sentia que flutuava acima do leito, como uma bola de sabão.

Conseguia observar-se sobre a cama, prostrada, com o pequeno demónio de pele de inseto sobre si. Era ela, mas não era ela: apenas uma imagem de si. E se a criatura a violasse? E se, por fim, saciado, desferisse o golpe de misericórdia? Tinha de dar tudo por tudo. A rapariga concentrou-se de novo e regressou ao corpo, fazendo-o estremecer ligeiramente.

Num rompante, o monstro lançou o cobertor e o lençol que a cobriam para o lado. Puxou para cima a longa camisola de manga-curta que a jovem usava para dormir. Olhou-a, guloso. Debruçou-se sobre ela. Lambeu-lhe as coxas. A rapariga tentou gritar, aterrorizada. As garras arranharam-lhe as pernas, como a queda abrupta durante a escalada, no verão passado.

A garganta ardia-lhe ainda do beijo do demónio. Contudo, para sua surpresa, descobriu que conseguia murmurar, numa voz que não parecia a sua:

«Para. Imploro-te!»

O demónio contemplou-a, estupefacto, como se escutasse um animal a falar.

A rapariga balbuciou:

«Por que me estás a fazer isto?»

O monstro repetiu as suas palavras, numa voz rouca, omitindo algumas sílabas, sem compreender o significado.

«Por favor», insistiu a adolescente.

Irritada, sem compreender, a criatura pôs-se a seu lado, na cama, e virou-a violentamente de costas, como quem faz girar uma canoa ao contrário. Sentou-se sobre ela. A jovem sentiu todo o peso dele sobre si. Custava-lhe ainda mais a respirar. Ele puxou-lhe os cabelos para trás, pôs-lhe o rosto de lado e lambeu-lho, demoradamente. Em seguida, arranhou-a com uma pata, do pescoço até ao cóccix. Um amante excitado, tirando prazer da surpresa e da dor dela.

«Pensa, pensa, pensa», repetiu a rapariga para si, como um mantra.

Tentando abstrair-se do pânico, na semiobscuridade do quarto, verificou que estava a pouco mais de meio metro do candeeiro da mesinha de cabeceira. Se conseguisse acender a luz, talvez o pesadelo findasse. Procurou mover o braço. Sentia os músculos entorpecidos, incapazes de lhe obedecerem. Bateu ligeira, mas repetidas vezes, com o braço no colchão, procurando despertar da letargia. Por fim, conseguiu esticá-lo um pouco. A dor era excruciante, mas avançou alguns centímetros, muito a custo.

O demónio afastou-se na direção dos pés da jovem, puxou-lhe a *t-shirt* para cima e afastou-lhe as pernas. Instintivamente, ela soube que a criatura a iria sodomizar. Reuniu todas as forças. A sua vida dependia de um único gesto. Mais um centímetro, apenas isso. A dor era tanta que parecia que o braço lhe estava a ser arrancado. Tateou o interruptor. Deixou-o escorregar. Esforçou-se de novo. Por fim, acendeu a lâmpada.

Num ápice, o peso de chumbo nas suas costas desapareceu. A adolescente inalou o ar morno e a tresandar a suor do quarto. Engoliu em seco. A garganta ainda lhe ardia. Forçou-se a abrir os olhos. A luz branca era agressiva para as íris, por um lado, mas tranquilizava-a, por outro. Virou-se de frente e, a custo, sentou-se no leito.

Contemplou o quarto: não vislumbrou vivalma. O demónio esfumara-se. O leito estava em desalinho, com os lençóis tombados no chão e o cobertor junto ao tapete. A camisola de manga-curta estava enrodilhada na cintura, expondo-lhe a nudez. Tinha mapas de transpiração nos sovacos.

A memória do episódio agoniou-a. Precipitou-se para o quarto de banho. Abriu a tampa da sanita e vomitou, nauseada de pensar na língua do demónio a percorrê-la. Poisou as mãos no lavatório e contemplou-se demoradamente ao espelho: tinha os olhos inchados do choro, o cabelo em desalinho e a tez de uma palidez seráfica. Nunca experienciara um pesadelo tão vívido, nem brutal. Passou o rosto por água fria. Lavou a boca e bochechou com elixir dental, que fez arder as gengivas.

Sentia-se febril. Um duche fresco faria baixar a temperatura e ajudá-la-ia a relaxar. Despiu a *t-shirt* e colocou-a no banquinho da casa de banho. Ia a abrir a porta do chuveiro, quando se olhou, de relance, ao espelho. Horrorizada, verificou que apresentava as costas em ferida. Tinha os três longos e vermelhos arranhões de uma garra.

NOTA BIOGRÁFICA

João de Mancelos nasceu em Coimbra, em 1968. É doutorado em Literatura Norte-americana (Universidade Católica Portuguesa, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (Universidade de Aveiro, 2006-2012) e agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). É professor universitário. Publicou vários livros de ensaio, poesia e ficção. Dois contos seus foram adaptados a teatro e um a cinema, no Brasil.

